

DIÁSPORA/PRODUÇÃO LITERÁRIA — II O ESCRITOR CARLOS d'ALGE (*)

Inês de Sousa Amorim

Sumário: Introdução — 1. Diáspora/Produção Literária — II — 1.1. — Carlos Neves d'ALGE — 1.1.1. — Apresentação do escritor e ensaísta. 1.1.2. — A língua portuguesa na literatura afro-brasileira. 1.1.3. — O universo de Fernando Pessoa. 1.1.4. — Univ. Brasileira e Literatura Portuguesa. 1.1.5. — Homenagem às raízes. — Conclusão — Bibliografia.

I N T R O D U Ç Ã O

Apesar de vir diminuindo o número de portugueses que emigram de sua terra natal para outras plagas, por motivos óbvios, o problema da Diáspora assume, a cada dia que passa, maior vulto entre a problemática social dos dias de hoje — o que implica em responsabilidade crescente para os governantes a ela dedicados.

Antes havia uma Diáspora vivida pelos portugueses que deixavam a Pátria — fossem quais fossem os objectivos que os moviam.

Hoje há, além desta, outra talvez mais dolorosa, mais cruel, mais dura, porque o seu palco é a própria terra natal — a daqueles que regressam com outros hábitos, outras crenças, outros valores, somados à cultura levada como herança quando no cais deixaram a família, os amigos, os teres e os poderes, geralmente parcos, mas alcançados com luta e trabalho.

* Pesquisa apresentada a Sec. de Estado das Comunidades Portuguesas, em Lisboa, para o Seminário de Verão, na Univ. do Porto, 1988.

De repente ao regressarem ao “retangulozito pátrio” com a alma em festa, a esperança como bandeira, “pode ser que encontrem as mesmas janelas, só que estas não são mais as mesmas janelas”... O tempo que buscam reencontrar, aquela vidinha — certamente dulcificada pela saudade — “passou como o fumo dum vapor no mar alto”, e, em vez disso, espera-os a luta para cavar novo espaço, para refazer suas existências. E é um tudo recomeçar, um tudo reconstruir, uma outra diáspora a vivenciar...

Além desta, há ainda a considerar a diáspora vivida, em solo português, pelos não-portugueses que vêm chegando...

Nesta oportunidade, há que realçar também, e nunca é demais repeti-lo, o que significam os SEMINÁRIOS DE VERÃO como intercâmbio de idéias, troca e aquisição de experiências, contacto real com uma literatura de que somos absolutamente carentes — estando, como estamos, longe dos meios editoriais. Se não vejamos: as bibliotecas que existem por esse Portugal ‘continuado’, não estão actualizadas. As livrarias locais não vêm na aquisição do livro português rentabilidade econômica motivadora; as notícias que chegam geralmente fornecidas por amigos ou jornais de província, mais ou menos esclarecidos/esclarecedores, não são suficientes. Revistas? Não chegam a simples mortais.

Todavia e mesmo em face desta pobreza, deverei destacar que:

. em Recife decorre, neste mês de Abril, a II Feira do Livro Português, na Livraria Camões do Gabinete Português de Leitura;

. a possibilidade de tomarmos conhecimento das novidades literárias portuguesas, fica por conta do jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO, em cuja coluna “Livros e Autores”, o crítico literário e jornalista Marcos Prado brilhantemente actua;

. raro, mas acontece passar por aqui um artista português (ex. Jacinto Ramos) declamando poemas de compatriotas;

. ou mesmo um professor brasileiro — Edson Nery da Fonseca — o mesmo fazer, porque o acha útil e meritório.

Convenhamos: é muito pouco!

Lamentável é também sentir-me na necessidade de denunciar, até que mudanças sensíveis se verifiquem, o pouco, ou nenhum, acesso dos portugueses em geral, a informações sobre os ditos Seminários — não suficientemente divulgados pelas entidades oficiais representativas de Portugal. Bom seria que esse material fosse enviado às Universidades onde não só labutam portugueses de nascimento, mas muitos dos seus descendentes — alguns deles ávidos de alcançar um conhecimento mais aprofundado da Terra e Cultura de seus Pais e Avós.

Porque não pretendo um aprofundamento ou análise teórica do trabalho de Carlos d'Alge, apenas realçar partes, é possível que esta pesquisa peque, conseqüentemente, pela fragmentação de suas idéias, trala a clareza de raciocínio e exposição, empane o seu brilho e valer. Entretanto fui norteado para dele extrair aquele algo que mais significativo fosse para atingir os meus objectivos — descobrir os llares que o amarram à Cultura Portuguesa, identificar o que dela recebeu e demonstrar, se é que seria necessário, a capacidade de a continuar em terras brasileiras.

Por me ter alongado bastante, ser-me-á impossível estudar a obra "Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa", do Prof. Doutor Alfredo Antunes, actuando no Mestrado de Filosofia da U.F.P.E., em cuja tese objectiva demonstrar que sendo a saudade para o homem em geral um dos grandes meios de transcendência, para o Homem Lusíada é o meio que o torna único e universal.

Se me for possível, desenvolverei esta no decorrer do centenário de nascimento de Fernando Pessoa, homenageando duma só vez dois Homens que sentiram SAUDADE, porque na DIÁSPORA a boberam: o Poeta maior e o Filósofo.

Quanto à pesquisa propriamente dita, achei por bem dedicá-la apenas à apresentação, parcial, da obra de Carlos Neves d'Alge — publicada a partir de 1952, e de difícil estudo, não só pela extensão como profundidade. Lamentavelmente não houve contacto pessoal com o escritor, dada a distância geográfica que nos separa. Não será possível, portanto, encontrar neste trabalho aquele "mais" que isso certamente acarretaria.

1. DIÁSPORA/PRODUÇÃO LITERÁRIA — II

1.1 — *Carlos Neves d'ALGE*

Na grande aventura, o homem,
peregrino de todos os mares
e oceanos, tenta reencontrar
o porto mítico que é o seu
destino e verdade, o Cais
absoluto da cidade arquetipal
fora do tempo e do espaço.

1.1.1 — Apresentação do escritor: poeta e ensaísta Carlos Neves d'Alge é mais um português que na sua infância,

sete anos de idade, saiu de sua Pátria para longes terras, pela mão carinhosa de seus Pais.

Corria o ano de 1937 quando aportou a Belém do Pará. Já conhecia as primeiras letras, mas jamais tinha andado de bonde ou sequer visto uma negra. E o menino de um dia ficou simpaticamente espantado!

Para Fortaleza, Ceará, se mudou em 1946. Aqui iniciou o científico e se graduou em Direito, Pedagogia e Letras. Fez cursos de pós-graduação nos Estados Unidos, México e Portugal, além de ter exercido, em 1973 e 85, o cargo de Professor Visitante na Universidade de Colônia (Alemanha), junto ao Instituto Luso-Brasileiro. Ali ministrou cursos sobre Literatura Portuguesa e Brasileira.

Proponho visitá-lo então e descobrir suas impressões:

Atravesso as ruas estranhamente limpas e mudas
de casario cinzento e cortinas cerradas,
de portas automáticas e rostos
que fogem entre os andares.

No parque além o verde perene,
os chorões, o rio, a bola esquecida,
o capote apertado ao corpo,
as mãos estendidas,
e em silêncio caminhamos
numa quieta sonolenta tarde fria de domingo.

Os bondes passam em ordem
e nos horários certos, como convém
a uma gente calada, que desce da estação
ou vem do outro lado do Reno.

Koln-Lindenthal
em certa primavera
de chuva e frio:
tulipas a brotar nos jardins,
a cerveja a molhar os nossos lábios,
a alegria em novas descobertas. (1)

Em d'Alge, o gosto pelas letras já despertava à época da conclusão do curso ginásial — na adolescência, portanto. Quando, em 1948, ingressa na Faculdade de Direito, começa a escrever para a

(1) d'ALGE, Carlos Neves. *Sintaxe do Compromisso*, pg. 97.

"Ceará Rádio Clube", onde foi locutor, rádio-actor e produtor. São desta época seus primeiros poemas e produção literária, na revista "Clá" publicados.

"Um poeta que não redescobre, que não resgata a infância não é poeta" afirma convicto numa entrevista para o jornal "O Estado", de Fortaleza, em 27-11-83, relembando, sua meninice vivida entre Valpaços e Chaves; a partida para o Brasil a convite de seu avô materno; a opção pela nacionalidade da mãe brasileira, aos 21 anos de idade.

Auxiliados pelo poema "A Velha Casa", poderemos descortinar um pouco dessa infância, já tão longínqua, e reflectir em perguntas que jamais obterão respostas:

O olhar se estende pelo pomar
em busca dos brinquedos perdidos.
(O cavalo espantado de papelão
mergulha no tanque do jardim).
Onde estão as imagens queridas
das primeiras geadas a pintarem
de prata as flores e as begônias?
Onde os jogos passados no sótão
ao pé dum brasileiro? As castanhas,
a aletria desenhada a canela,
as rabanadas, os formigos,
onde anda o perfume da cozinha
que abriga crianças e gatos?

O olhar se perde nos muros de pedra
por onde sobem as videiras
maduras no fim do verão.
As ameixeiras estão carregadas,
o sol e a vida nos frutos dourados.
Onde está o cheiro da marmelada,
e os tachos a raspar?
Foi o nevoeiro que veio do Marão
ou foi a nossa memória que parou
no tempo preciso a lembrar?
Os lençóis de linho dobrados
guardam o cheiro da alfazema.
(Quartos e gavetas a repartir). (2)

(1) Idem, pg. 91.

Em "Solidão Maior" (1960) estreou como poeta — que não só participou de "Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos (1965)" e "Poesia Cearense de Hoje" (1973). "Sintaxe do Compromisso" veio a lume em 1980 com poesias escritas entre 1959 e 79 — o que representa vinte anos de reflexão daquele que acredita "ser a poesia essencialmente vivência e artesanato (...) desde que se tenha a necessária vivência e que se trabalhe." (3)

Falando de "Sintaxe do Compromisso" assim se coloca:

A década de 60 foi muito importante para a minha geração devido aos vários acontecimentos históricos no Brasil e no mundo. Os poemas dessa época são muito mais sociais e políticos do que os escritos na década de 70, mais intimistas.

Em "O Poeta e sua Circunstância — II" assim responde à própria interrogação:

O que é um livro de poemas? É a vida em si, com o seu elenco de dores bem maior do que as alegrias, desesperanças mais do que esperanças, desilusões mais do que ilusões, abismos, experiências, contradições, sofrimentos, alucinações. Quixotes os poetas em busca de Dulcinéias ou em demanda de Graais, sonhadores, visionários, arquitetos de sonhos e de névoas. (4)

Mas é à crítica/ensaio que se dedica com entusiasmo. Definindo sua posição frente a modismos temporários escreve.

O crítico literário paulista, Paulo Bonfim, define um certo tipo de crítica que se faz por aí como "burrice erudita." As correntes de crítica literária européias acabam-se transformando, na maioria das vezes, em verdadeiros modismos. Roland Barthes, Humberto Eco, Jacques Lacan. Este último aplicou os princípios da psicanálise à literatura. Acho que o professor de literatura ou crítico literário tem obrigação de informar-se a respeito das novas tendências. Eu, particularmente, procuro não assumir uma posição cultural que não é a minha. (5)

(3) s.n. . Um homem: Carlos d'Alge, *O Povo*.

(4) d'ALGE, Carlos Neves. *O exílio Imaginário*, pg. 214.

(5) VIDAL, Marcia. O embaixador da cultura portuguesa no Ceará, *O Povo*.

De "O Exílio Imaginário — Ensaio de Literatura da Língua Portuguesa", edições U.F.C./PROED, 1983, escritos entre 1967 — 1982, cujo título constitui-se numa homenagem ao grande escritor português Almeida Garret, assim fala seu autor:

É uma metáfora sobre a função criativa e lúdica da literatura. É a minha maneira de escapar da violência e da opressão do mundo contemporâneo. Ler e reavivar o que se lê é um modo bastante agradável de se fugir do absurdo do cotidiano. Prefiro a forma de ensaio para meditar sobre o que li. Desde Montaigne a T.S. Eliott, o ensaio se constitui numa manifestação de humildade, isto é, o ensaísta deve fazer da brevidade e da clareza do estilo os seus objetivos máximos. O ensaísta sabe, por experiência, as limitações do ser humano, procura, portanto, menos persuadir que comover. O ensaísta não busca provar nada, mas sim desenvolver um raciocínio e verificar o seu possível acerto. (6)

Almeida Garrett, exilado político em Londres, escrevia em seu "Diário de Inglaterra", 1824, que gostaria de estar naquele momento no Brasil, "pois julgava que aqui poderia encontrar as liberdades perdidas na Pátria". O autor da tese "As Relações Brasileiras de Almeida Garrett", de certa forma a ele se assemelha só que buscando seu exílio na literatura:

No mundo de hoje tão conflitante, egoísta e cínico, o que resta ao escritor senão encontrar a paz num refúgio imaginário que, ao fim e ao cabo, são os livros que lê e aprecia?

Mas voltando a "O Exílio Imaginário": a sua leitura conduz-nos à composição do perfil do seu autor — espírito humanista aguçado, leitor atento e perspicaz, crítico honesto e criativo, pesquisador insatisfeito em busca de novos valores analíticos. Mais: ao longo de seus ensaios descobrem-se características e áreas de interesse que definem Carlos d'Alge como:

o jornalista — foi director da A.C.I., de "O Jornal", de "O Estado", criou o "Jornal Universitário" da U.F.C., dirigiu de 1973 a 79 a T.V. Educativa da mesma Universidade;

(6) d'ALGE, Carlos, *D.N. Cultura*, pg. 4.

. o professor — dedicou-se ao exercício do magistério no ensino médio até 1967, ingressou no magistério superior em 1964 e vem actuando como Professor Titular de Literatura Portuguesa do Centro de Humanidades na U.F.C.;

. o académico — é membro fundador e presidente da Academia Cearense de Língua Portuguesa; membro titular da Academia Cearense de Letras; membro da Associação Internacional de Lusitanistas de Poitiers (França); membro da Sociedade de Língua Portuguesa, Lisboa (Portugal);

. o ensaísta — atento às circunstâncias sócio-político-culturais, realiza abordagens analíticas independentes e criativas, teoriza, faz história dentro da História. Cite-se, como exemplos marcantes de sua obra "Aspectos da Nova Literatura Portuguesa" (1965), "Universalidade do Teatro Vicentino" (1965), "Terra do Mar Grande: alguns aspectos culturais portugueses" (1970), o VI Centenário da Publicação d'Os Lusíadas" (1973), "O mito do Paraíso Terrestre" (1981), e mais e mais;

. enfim, o português de espírito universal que radicado lá, no tórrido Ceará, faz vicejar, nos "jovens de todas as idades" a curiosidade intelectual, o interesse pela literatura — que o mesmo é dizer, o interesse pela história, pela cultura, pela problematização humanística em qualquer tempo, lugar ou circunstância.

Quanto à obra "O Exílio Imaginário", contendo alguns ensaios inéditos e outros publicados em revistas nacionais e estrangeiras, está dividido em quatro partes voltadas ora para a "Literatura Comparada" (cinco), ora para a "Literatura Brasileira" (cinco), mas também para a "Literatura Cearense" (dez) e "Literatura Portuguesa".

Na parte que a esta diz respeito (dez ensaios), dedica-se a análises que revelam curiosidade especial pelo "Ensino de Camões na Universidade", "Uma nova interpretação da Ficção Queirosiana", "Herculano e a Defesa dos Ideais de 1871", "A Arte não-Aristotélica de Fernando Pessoa", "Tormento e Delírio de Florbela Espanca" entre outros, para finalmente homenagear, em "Fidelino de Figueiredo e o Mundo das Idéias", o professor de Literatura Portuguesa que prestou relevantes serviços à Universidade Brasileira entre 1938 e 1951, e acreditava em que "(...) toda a grande vida de um português de espírito universal, é uma aventura para longe do retangulozito pátrio, muito longe, mas com retorno ansioso ao retangulozito pátrio." (7)

(7) d'ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 138.

1.1.2 — A língua portuguesa na literatura afro-brasileira.

Perante uma obra vasta, de tantos e tamanhos atractivos, reduzir-me-ei aos apelos lusíadas e terei bem presente que, não fora a língua que os Portugueses em Diáspora levaram, e levam ainda, "às sete partidas do mundo", a nossa História, a nossa Cultura, os nossos valores enfim, não fariam hoje parte da história e cultura de tantas nações, de tantos povos disseminados pela face da Terra.

Ora de "Literatura Comparada" faz parte "Introdução à Literatura Africana de Língua Portuguesa", onde seu autor, com muita propriedade, assinala "a língua materna como o veículo eficaz para conduzir a sua cultura, os seus valores, a sua história". E lembra escritores de "os novos países africanos de língua portuguesa que estão cumprindo um programa literário de acordo com as suas raízes culturais e étnicas." (8) Escreve:

É bastante expressivo, pois, o fato de que o português continuará a ser a língua de comunicação dos povos angolanos, moçambicanos, são-tomeenses, guinéus, cabo-verdianos, em suas manifestações culturais, científicas, técnicas ou políticas. Não é de todo inconveniente recordar que a alfabetização dos guinéus se processou por meio de cartilhas em português e que foi através dessa língua que líderes nativos, como Amílcar Cabral e Samora Machel, conduziram a Guiné e Moçambique à independência. (9)

Citando Celso Cunha afirma que

A unidade da língua portuguesa só poderá ser obra de cultura comum. Não se poderá contar apenas com os clássicos, porque quem governa a língua são os escritores e pensadores do momento. O livro, a revista e o jornal são agentes poderosos, já que é a língua escrita que consubstancia a norma do falar geral. A unidade em lingüística não é incompatível com a variedade, antes a pressupõe. (10)

declara:

a língua portuguesa na atualidade representa um vasto território pluriracial e plurilingüístico. Esse território

(8) d'ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 31

(9) idem pg. 33

(10) ibidem

abrange quatro continentes e sete povos independentes, além de Macau, Goa e outros enclaves lingüísticos. São quase 150 milhões de pessoas a falar a língua portuguesa, resguardados os traços essenciais que ainda permitem a compreensão entre os falantes cultos, diferenciada em atendimento a implicações de ordem geográfica, social e até individual. Brasileiros, angolanos, moçambicanos, guinéus, caboverdianos, integram as variedades do português atual. (11)

Prosseguindo em seu ensaio, história as relações entre o Brasil e Angola — ao qual o nosso País está mais ligado em virtude de razões históricas e políticas — e assinala a participação, em princípios da década de 50, da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, e das repúblicas estudantis de ambiência africana em Coimbra, “na divulgação dos escritores africanos de expressão portuguesa e na luta contra a censura. Nesse período, é que se desenvolve intensa atividade dos então estudantes Mário de Andrade, Agostinho Neto, Francisco José Tenreiro e Amílcar Cabral.” (12)

Mas vai mais longe ao afirmar:

O romance nordestino brasileiro também influenciará os jovens escritores africanos. Artigo publicado em 1975, na revista “Afriscope” editada em Lagos, Nigéria, refere-se à influência do romance “Jubiabá”, de Jorge Amado, num poema do angolano Mário Antônio. (13)

Referindo-se ao fato de os brasileiros estarem muito presos pelas raízes à cultura angolana e de se fazer necessário maior intercâmbio que vise uma nova cooperação técnica, científica e cultural, cita Câmara Cascudo informando que:

Os brasileiros nascidos entre Sergipe e o Ceará, sentirão o ambiente nordestino com maior acuidade quando conhecerem Luanda. Reencontrarão, a cada passo, os velhos negros patriarcais, o rebolado das negras ocidentais, o vocabulário, o ritmo do andar, o jogo de capoeira, os ranchos, o euforismo lúdico, a devoção a São Mi-

(11) d'ALGE, Carlos. *O Exílio Imaginário*, pg. 34.

(12) Idem

(13) Idem

guel, oxossi dos jêjenagôs, padroeiro dos capoeiras angolanos e padrinho da fortaleza em Luanda. (14)

—E no Brasil, o que aconteceu? O que acontece?

O autor de "Crítica Literária e Jornalismo", no tocante ao português falado no Brasil, aponta "o enriquecimento morfológico como o fato mais importante." Esclarece:

Assim o nosso vocabulário foi expressivamente aumentado com a utilização dos dialetos africanos e das línguas indígenas.

(...) Por outro lado, numerosos arcaísmos foram rejuvenescidos e se mantêm revitalizados na fala do povo e na língua literária, especialmente no nordeste brasileiro. Diversidade na unidade. Diversidade fonológica, morfológica, sintática, fraseológica e semântica. Todo esse acervo pesará fatalmente e justificará a profecia de José de Alencar, na qual previa o autor de Iracema que os escritores portugueses se afeiçoariam ao estilo brasileiro, para serem entendidos pelo nosso público e "terem esse mercado em que se derramem." (15)

Em "Teoria e Crítica do Estilo Brasileiro", o fundador e director do "Centro de Cultura Portuguesa da U.F.C." (1965), entra nos escaninhos duma polémica que dura até hoje, teve seu início em José de Alencar e em Afrânio Coutinho encontrou o seu maior atilador. Aquele, no prefácio ao romance "Sonhos d'Ouro", de 1872, "colocou o problema da língua portuguesa falada no Brasil e da literatura criada pelos brasileiros, respondendo, assim, a alguns críticos que, do outro lado do Atlântico censuravam a obra do romancista, achando-a descuidada na forma e expressão." (16)

Quanto à língua, diz-nos Alencar:

Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhe traduz os usos e os sentimentos.

Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe

(14) d'ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 36.

(15) Idem, pg. 33.

(16) Idem, pg. 37.

da língua, que o nosso povo exerce o seu inaufervel direito de imprimir o cunho de sua individualidade, a-brasileirando, o instrumento das idéias. (17)

Defendendo o estilo brasileiro, diz-nos também:

Se nós, os brasileiros, escrevêssemos livros no mesmo estilo e com o mesmo sabor dos melhores que nos envia Portugal, não passaríamos de uns autores emprestados; renegariamos nossa pátria, e não só ela, como a nossa natureza, que é o berço dessa pátria. (18)

d'Alge sentenciamos:

Quem atribuiu a José de Alencar intenções de criar uma língua brasileira não examinou detidamente sua obra crítica. Alencar não se refere a uma língua brasileira mas sempre à língua portuguesa falada com estilo brasileiro ou ao "abrasileiramento" da língua portuguesa. Gladstone Chaves de Melo e Celso Cunha estudaram suficientemente o problema. (19)

Ao longo da história do Brasil, continua o ensaísta,

não vingou a idéia de uma língua nacional própria, desvinculada da portuguesa. Nem como o que desejavam alguns dos nossos modernistas de 1922, que assumem atitudes críticas e renovadoras, como o fizeram Garrett, Eça de Queirós e os modernistas portugueses de 1915. A língua própria que se queria para o Brasil resumia-se nas teorias de José de Alencar. Não se tratava propriamente de se criar uma língua mas sim um estilo brasileiro. Ou melhor, reagir contra o purismo e a gramatíquice retrógrada, contrária a inovações. (20)

Diz-nos o professor:

Os modernistas de 1922 pensaram numa língua nacional, isto é, uma língua que valorizasse o substrato indígena

(17) d'ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 41.

(18) Idem, pg. 42

(19) Idem, pg. 41

(20) Idem, pg. 47

e refutasse o vernaculismo dos retóricos brasileiros, encastelados nas academias, tribunais e ministérios. Queriam um discurso vivo, autêntico, coloquial. (21)

No decorrer do ensaio, Carlos d'Alge relembra: Alexandre Heróulano, Almeida Garrett e Eça de Queirós profetizaram e queriam para o Brasil "uma nacionalidade original, transfusão de duas naturezas, a lusa e a americana", com literatura brasileira de estilo brasileiro. Tenhamos presente, por exemplo, a carta endereçada por Eça ao brasileiro Eduardo Prado, dissertando sobre o Brasil, analisando o Brasil:

(...) O que eu queria era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil que eu vi feito com velhos pedaços da Europa... (...) (22)

Quanto à literatura, explica o ensaísta:

Os modernistas brasileiros repensaram a nossa literatura em termos de crítica e afirmação. Pensar no Brasil — como assinala Afrânio Coutinho — interpretá-lo, procurar integrar a cultura na realidade brasileira, enfatizar os valores da nossa civilização e as qualidades regionais de nossa cultura, dar relevo às nossas coisas, pôr em destaque as nossas características raciais, culturais e sociais, reivindicar os direitos de uma fala que aqui se especializou no contacto da rugosa realidade, eis os pontos básicos de um programa nacionalista brasileiro. (23)

Quem vem acompanhando os artigos de Afrânio Coutinho sabe, entretanto, e porque o escritor o proclama, não ser tão simples o desejo manifestado. Ele sonha, quer e batalha por uma "língua brasileira" — mesmo, votada pela Constituinte, constando da próxima Constituição e por esta anunciada ao mundo, para que nela se escreve uma Literatura Brasileira a que o Brasil faz jus e tem direito.

Pergunta o escritor: "Se denominamos literatura brasileira, porque também não usamos língua brasileira?" (24)

(21) d'ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 47.

(22) Idem, pg. 45

(23) Idem, pg. 48

(24) COUTINHO, Afrânio. *A Expressão — Literatura Brasileira, Diário de Pernambuco*.

Porém, e até prova em contrário, “a língua do Brasil, quer na sua forma culta, quer na popular, é essencialmente a língua portuguesa”, demonstrou-o Sílvio Elia no “Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros”, Coimbra, 1966, ao estudar a difusão das línguas européias e a formação das variedades ultramarinas. “Admite aquele lingüista que a influência afro-índia limitou-se a algumas alterações positivas de carácter geral e outras negativas, no sentido de permitir a constituição de falares de emergência, crioulos ou semi-crioulos. Por outro lado, a relativa unidade do português falado no Brasil deve-se ao processo de colonização segundo o qual uma língua comum já constituída se foi impondo de cima para baixo aos núcleos populacionais do litoral e depois dirigiu-se para o interior.” (25)

Como o contacto entre os povos provoca mudanças, a língua é por sua natureza dinâmica e a interação entre portugueses e brasileiros é um facto, diz Carlos d’Alge:

A literatura brasileira produzida a partir da renovação modernista terá alguma influência em alguns escritores portugueses.

Érico Veríssimo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Armando Fontes, Rachel de Queiróz, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Guimarães Rosa, João Cabral de Mello Neto serão lidos intensamente em Portugal. Durante os anos mais rigorosos em que a censura portuguesa retirou livros do mercado, de autores portugueses e estrangeiros, cresceu o interesse público pelo chamado romance nordestino (...)

Alves Redol, dos escritores neo-realistas, foi o mais acusado de sofrer influências brasileiras pelo facto, informa Fernando Mendonça, de que na sua época conhecia-se mais em Portugal a obra de Jorge Amado. Gaspar Simões acusa Redol de “escrever brasileiro”. “Baibéus”, para este, seria influenciado por “Mar Morto”. Comenta d’Alge:

O “escrever brasileiro” acusava a recusa em aceitar um romance escrito em novo estilo. Um romance depoimento, um romance testemunho, que fugia totalmente ao modelo existente. Daí a crítica. (26)

(25) d’ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 47.

(26) d’ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 51.

Desenvolvendo seu pensamento, conclui o ensaísta:

(...) A influência brasileira tende a crescer em Portugal, pois são os brasileiros numericamente superiores a quatro quintos da comunidade de língua portuguesa" (sem falar nos milhares que nestas dias estão emigrando para o novo éden dourado que é Portugal). "Os traços dessa influência podem ser desde já detectados no jornalismo, na música, nas comunicações de uma maneira geral, e na própria literatura." (27)

Pergunto-me se não será necessário e oportuno denunciar a "colonização" lingüística e outras, levadas a cabo pela T.V. Globo através das suas novelas, deflagradas em Portugal com êxitos que helram o histerismo colectivo, e que levam escondidos em seu bojo, apesar de não serem caravelas, o fermento da alienação, homogeneização, superficialidade, consumismo e irrealidade. Em nome dum fazer artístico ou pseudo-artístico, vão as telenovelas semeando em nossa terra a descaracterização de nossos hábitos, valores, crenças e normas de conduta e lingüísticas que talvez um dia lamentemos amargamente — como no passado o fizeram Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Eça de Queirós, relativamente ao que se passava no Brasil — e Mário de Andrade o faz hoje em carta dirigida a Carlos Drummond de Andrade, incluída nas "Confissões de Minas":

(...) E assim o Brasil progride com constituição anglo-estadunidense, língua franco-lusíada e outras alavancas fecundas e legítimas. (...) (28)

1.1.3. — O universo de Fernando Pessoa

Impossível falar em Língua Portuguesa (ou Literatura Portuguesa) sem ter presente Fernando Pessoa e sua Confissão-monumento: A minha Pátria é a Língua Portuguesa.

Exaurir a possibilidade de estudo, descoberta de valores psicossociais e históricos de sua obra, será tarefa para um futuro longínquo.

O Gênio tem algo que atrai para sua herança gigantesca: a Obra, expressa na Língua de Camões, desenvolve não só a curiosidade pelo Ser Indecifrável que é seu Autor, como a tentação de nela se encontrar traços característicos duma personalidade sobre-humana, dores incomuns, alegrias trágicas. Assim são muitos os estudiosos, que se têm dedicado a desvendá-la.

(27) Ibidem

(28) Idem, pg. 57

Perante ela, ora nasce o espanto de nos vermos retratados, de encontrarmos manifestos nossos recônditos pensamentos por mais simples ou estranhos que eles se nos afigurem — só que de uma forma bela, irrepetível —; ora nasce o espanto do que seria o drama a angústia, a luta feroz, talvez, que se desenrolou entre os desdobramentos de sua personalidade.

Carlos d'Alge, autor de "A Arte não Aristotélica" de Fernando Pessoa, não foge a esta sina. E assim em "Consciência — Inconsciência em Fernando Pessoa", começa por mencionar "A Tábua Bibliográfica" publicada na revista "Presença", n.º 17, dezembro de 1928, na qual o Poeta Maior explica:

O que escreve pertence a duas categorias de obras a que poderemos chamar ortônimas e heterônimas (...). As obras heterônimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas do autor delas.

Embora Carlos d'Alge cite os estudos realizados sobre "se os heterônimos chegam a ser uma mistificação da personalidade do poeta cu se se constituem parte do seu "drama em gente" "chega à conclusão de que:

Em cada heterônimo de Pessoa há um diferente conceito de vida. Manifestação do consciente, do insincero-verídico através de uma supra personalidade. Alberto Caeiro, o primeiro heterônimo da fase adulta, surge como rebeldia contra o decadentismo paúlico. Pessoa torna-se lírico subjetivo e fatalmente incompleto. A tendência de simular vinha desde a infância; observe-se a seqüência dos heterônimos Chevalier des Pas, Alexander Search, A. A. Crosse, Bernardo Soares, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. (29)

Confessa Pessoa:

Esta tendência, que me vem desde que me lembro ser eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar. (30)

(29) d'ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 118.

(30) *Ibidem*

Continua d'Alge:

Sendo uma romancista de poetas, a simulação (inconsciência) em Fernando Pessoa é um sinal de força (consciência) porque afirma, no poeta, uma maior confiança na vida do que na literatura.

Posto isto, é caso para recordar seu poema:

Ser um é cadeia,
Ser eu é não ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.

Prossigamos no rastro do pensamento do professor Carlos:

"(...) Há sinais de uma razão lúcida no poeta, que o leva a sentir o mito, a loucura como a loucura. Pode-se interpretar "Menagem" como uma das várias formas de fuga, evasão à dor de existir, ao tédio, ao desencanto, ao sentimento absurdo da vida: "pertencço a um gênero de portugueses que depois da descoberta da Índia ficaram sem trabalho." O sonho do Quinto Império vem dar sentido à vida que o poeta considera absurda: "mera sucessão de momentos inúteis". A unidade em F. P. resulta da constância de certos motivos, certas circunstâncias em função das quais surgem várias respostas. Alberto Caeiro é um Pessoa virado pelo avesso. Fernando Pessoa ortônimo e Álvaro de Campos são homens insatisfeitos. A realidade aparente não pode ser a realidade perfeita. Há alguma coisa dentro das aparências. Alberto Caeiro é uma solução poética. É o homem satisfeito que goza das aparências, das sensações múltiplas em que uma natureza, que é apenas superficial, lhe dá. Ricardo Reis reage à dor de viver descortinando uma felicidade possível dentro dos limites impostos ao homem." Concluindo escreve:

"Como André Gide, Fernando Pessoa poderia ter dito: "Je me suis complèment désintéressé de mon âme et de mon salut." A poesia de Pessoa é a poesia da inteligência, ou melhor, poesia de lirismo da inteligência. A marca do seu gênio está em toda a sua poesia ortônima ou heterônima. As contradições entre o clássico Ricardo Reis e o modernista Álvaro de Campos, entre o cético e materialista Alberto Caeiro e o rústico-panteísta Fernando Pessoa, constituem a vida de sua poesia. A cada um de seus heterônimos coube uma maneira diferente de conceber e interpretar a vida. A diversidade entre eles é coerente com o seu pensamento estético: quanto mais contraditório, tanto maior poeta. Ou, como diria o mestre Jacinto do Prado Coelho:

É na diversidade de sua obra, na riqueza dialética de suas antinomias que descobrimos a grandeza do poeta, dividido entre o pressentimento de um além (que ele buscou por via racional: o ocultismo), o desalento duma inteligência inerme, incapaz de copular a vida e o torvelinho das forças irracionais. Fausto malogrado, a própria dispersão de sua obra é vivo testemunho duma época de crise, sem coesão construtiva." (31)

Respondendo mais uma vez a essa necessidade de perscrutar Pessoa, faz a seguinte reflexão em "Uma Interpretação de Duas Odes de Álvaro de Campos" — a "Ode Triunfal" e a "Ode Marítima":

Nas duas Odes há uma espécie de contraponto: à glorificação da sociedade moderna e da ruptura com todas as cadeias que prendem o poeta à tradição, opõe-se a memória evocativa das lembranças do passado e da realidade do presente, entrevista na "Ode Triunfal", nas minorias marginalizadas das grandes cidades.

"(Ah, a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma, / Cujos filhos roubam às portas das mercearias / E cujas filhas aos oito anos (...) Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada); e na "Ode Marítima", na celebração de todo um passado de gesta nacional que recupera o arquétipo na metáfora do Grande Cais." (32)

Para d'Alge:

Na grande aventura, o homem, peregrino de todos os mares e oceanos, tenta reencontrar o porto mítico que é o seu destino e verdade, o Cais absoluto da cidade arquetipal fora do tempo e do espaço.

e então lembra Pessoa:

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!(...)

Todavia, como homem peregrino que é, o Poeta do Ceará, também teve o seu Cais, o "Cais do Tejo." Ei-lo:

(31) d'ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 121.

(32) d'ALGE, Carlos Neves. *Revista de Letras U.F.C.*, pg. 64.

Para onde se dirigem estas gaivotas
que navegam sob céu tão azul e limpo?
(em busca, quem sabe, de perdidas rotas).
A cismar, olhos no rio, traço retinto,
procurc restaurar as pedras da saudade,
envoltas em sonho e pesadelo, deste cais
em busca, também, da possível verdade
das flores, dos passantes e dos jornais.

Águas do Tejo que demandam o oceano
em vão tento achar nesse instável veio
o momento que ficou, posto que estranho,
culpa e mágoa de insólito anseio.
Ah, a esperança dos navios que partem,
transfiguro-me em ave e velejo
por ilhas a descobrir: nós que se desatam
à beira doutro cais para além do Tejo. (33)

1.1.4 — *Universidade Brasileira e Literatura Portuguesa*

Em todos os cargos que ocupou, e eles são muitos, o autor de "A Utopia do Paraíso em Camões" sempre o fez com denodo. Entretanto destacarei como o mais significativo para a causa de Portugal, aquele que o coloca junto à juventude universitária do Ceará na qualidade de Professor de Literatura Portuguesa, ensejando a esta mais profundo conhecimento da história do nosso povo, seus valores culturais e lingüísticos, maior argúcia e discernimento para ponderar circunstâncias, para avaliar erros. Tudo o mais eu diria que veio por acréscimo, ou que por o acréscimo ter e ser, ele é professor e "o embaixador da cultura portuguesa no Ceará", como é denominado.

Em 1972, apresentou na "I Reunião Internacional de Camonistas", em Lisboa, e no Congresso de Camonologia do Paraná, "O Ensino de Camões na Universidade", quando questiona se se deve ainda ensinar Literatura em nível superior e se se deve ensinar Camões numa Universidade nordestina brasileira.

Quanto à primeira questão o problema foi levantado por Jacinto do Prado Coelho no "I Encontro de Professores de Língua e Literatura Portuguesa", em Coimbra, 1970. Pois seguindo o raciocínio do mestre de Lisboa, e também a lição do mestre Fidelino de Figueiredo —

. bom ensino de literatura é bom ensino de leitura;

(33) d'ALGE, Carlos Neves. *Sintaxe do Compromisso*, pg. 95.

. o pecado mais cometido no estudo de uma obra literária é o fragmentarismo, porque a análise perde de vista a inserção do texto num conjunto maior (poema longo, obra de ficção), cujas estruturas nunca chegariam a ser examinadas e discutidas;

. “um ensino literário que não forme o gosto literário é um ensino defeituoso, torna-se um ensino verbalista, visto que o gosto é a chave para a primeira penetração dos áditos de uma literatura”; (34) —

intentou levar a cabo um estudo integral do texto d’*“Os Lusíadas”* (também *“Mensagem”* de F. Pessoa), objectivando despertar o interesse do aluno pelo poema e o conhecimento do universo camoniano.

Comenta:

Logrou-se o objetivo primacial. Os alunos confessaram ter gostado do trabalho e descobriram nos poemas traços ignorados. (...) Não conheciam a História de Portugal e foram estimulados a lê-la, aprenderam também valiosos conhecimentos geográficos e vivenciaram a política portuguesa em torno dos descobrimentos. (35)

Outra das experiências realizadas pelo orientador incansável, cujo idealismo o torna o semeador da história e cultura dum povo que, em sua I Diáspora, “deu novos mundo ao mundo”, foi levada a efeito pelos alunos do Centro de Pesquisa em Artes Cênicas da U.F.C., quando dramatizaram *“Mar Lusíada, Mar Universal”* com texto de Carlos d’Alge e versos de Luís de Camões e Fernando Pessoa.

Admiremos a inteligente articulação entre o poema épico e o modernista e revivamos a História de Portugal até à época da nossa

I DIÁSPORA:

CORO

A aventura na antemanhã, o destino a comandar as forças vitais da gente portuguesa, a jovem nação que se afirma no despertar do campo de Ourique sob o comando de Afonso Henriques. Pois

JOGRAL

“O homem e a hora são um só
Quando Deus faz e a história é feita
O mais é carne, cujo pó
A terra espreita.” (FP)

(34) d’ALGE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 94.

(35) Idem, pg. 98.

CORO A febre da conquista torna a nação soberana e emancipada. O país volta o seu olhar para o oceano e procura desvendá-lo. Os pinhais de D. Dinis em breve se transformarão nas alígeras caravelas que sob o signo da Cruz da Ordem de Cristo percorrerão os mares nunca dantes navegados.

LOGRAL "Porque é do português, pai de amplos mares
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita
O todo, ou o seu nada." (FP)

CORO E eles o quiseram. Percorreram longas e duras caminhadas. Sofreram desgraças e infortúnios. Naufrágios e emboscadas. Para conquistar os três oceanos tornaram-se nautas indômitos e acreditaram na sua predestinação. Pela Fé e pela Pátria! Velas ao mar. Bartolomeu Dias é o primeiro a dobrar o Cabo das Tormentas. Vasco da Gama depois, já na rota para a Índia. Mas nem tudo era alegria e certeza, havia a dor dos que ficavam, dos que deixavam partir filhos, esposos e irmãos, daqueles por quem clama a figura grave e sofrida do ancião da praia do Restelo, consciente da fraqueza humana contra as forças da natureza, irreduzíveis e temerosas. Contra os perigos vistos pelo épico:

LOGRAL "Oh! grandes e gravíssimos perigos!
Oh! caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!" (LC)

CORO A vida dos nautas é a vida do poeta, também sofrido, navegado e mortificado pelos caminhos do oceano, pelas incertezas e desenganos havidos.

LOGRAL "No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?" (LC)

CORO À saudade dos que partem juntam-se as tristezas e lágrimas dos que ficam. Dos que sentem a grandeza do gesto mas temem pela sorte dos nautas. Pelos perigos que hão de enfrentar, pelo desconhecido, pelo imprevisível. Erguem-se as vozes das mães e esposas:

JOGRAL“Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro.
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?”

.....Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque ir aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas levz o vento?” (LC)

CORO É feita a largada para o desconhecido. Partem os nautas com a imagem dos entes caros que os lamentam na Praia das Lágrimas. Muitos pela derradeira vez. Mas o fascínio da viagem e a certeza de se estar a cumprir um ideal perseguido alimentam o sonho e a genial loucura dos marinheiros. O que poderia existir sem a grandeza e a loucura? Não se teriam descoberto novos mundos, plagas distantes e jamais sonhadas, onde foi erguido o padrão com as quinas e a cruz de Cristo. Sem a loucura, o que seria dos gênios, dos santos e dos heróis? Teriam porventura existido? Loucura, gênio, sublimidade, que atingem o holocausto no areal de Alcácer-Quibir, na figura do trágico e visionário El-Rei D. Sebastião.

JOGRAL “Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está

Ficou meu ser que houve, não o que há.
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?" (FP)

CORO Ei-los os novos argonautas a enfrentar os riscos mais
 cruéis e as tempestades que não-de sobrevir. Tormen-
 tas sofridas a cada passo, a cada viagem. Raios e
 trombas marítimas. Naufrágios sem conta, a ilustrar
 toda uma história trágico-marítima que a gente portu-
 guesa jamais olvidará. E que constitui também a subs-
 tância trágica do poema:

JOGRAL "Contar-te longamente as perigosas
 Cousas do mar, que os homens não entendem,
 Súbitas trovoadas temerosas,
 Relâmpagos que o ar em fogo acendem,
 Negros chuvaeiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
 Não menos é trabalho que grande erro,
 Ainda que tivesse a voz de ferro." (LC)

CORO O explodir das forças desencadeadas, a procela que se
 abate sobre as naus, a marinhagem que desperta com
 gritos de temor e desacordo. O impacto que a tor-
 menta provoca sobre a afanosa gente que se dispõe
 a enfrentar o risco.

JOGRAL ... "o Mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca: acordam, despertando,
 Os marinheiros de ua e outra banda.
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gáveas tomar manda.
 — Alerta — disse estai, que o vento cresce
 Daquela nuvem negra que aparece!

 Amaina — disse o Mestre a grandes brados.
 Amaina — disse — amaina a grande vela.
 Não esperam os ventos indignados
 Que amainassem, mas juntos dando nela,
 Em pedaços a fazem co'um ruído
 Que o Mundo pareceu ser destruído." (LC)

CORO

Além das tempestades outras forças tramariam contra os ousados navegantes. Contra os nautas que estavam prestes a romper as trevas do obscurecimento, destruindo antigos e respeitáveis monstros, como o formidando Adamastor, que lhes surge num arremedo de titã e que é sustado e tornado infenso pela coragem e destemor de quem nada temia. Um monstrengo que é transformado em nada, um mito suplantado pela audácia.

JOGRAL

“O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
A roda da nau voou três vezes,
E disse: “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
'El-Rei D. João Segundo!'”

“De quem são as velas onde me roço?
De quem são as quilhas que vejo e ouço?
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso.
“Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”
E o homem do leme tremeu, e disse:
“El-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de tremer três vezes:
“Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme.
De El-Rei D. João Segundo!” (FP)

CORO

Depois a chegada à terra, já conquistado o mar e vencidos os demônios. Que terras? Terras de todas as praias por onde andou o gênio dos argonautas: Índia, África, Brasil, Polinésia, Antilhas, Norte-América,

Sul-América, Austrália, Japão. Terras onde é fixado o Padrão com as quinas e a cruz ao alto. Padrão que está em Porto Seguro e na Praia da Barra, em terras baianas. Padrão que se encontra em ínvios caminhos da África, da Ásia e da Oceânia. Padrão que é mensagem e afirmação, esperança e luz.

JOGRAL

"O esforço é grande e o homem é pequeno
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
o por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
Ensina estas Quinas, que aqui vês
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.

E a cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar." (FP)

CORO

O mar lusíada é o mar universal, pois, assim, o tornaram os rudes e audazes marinheiros. Mar que se alonga pelos três oceanos, navegados e percorridos em todas as rotas pelas naus portuguesas. Mar nosso, que possibilitou a afirmação lusitana e que abriu ao mundo novas esperanças. Mar por onde se chegou às terras de Santa Cruz, entrevistas no poema:

JOGRAL

"Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também, com pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade."

CORO Vencido o medo do mar desconhecido, conquistado o Oriente, abertos novos caminhos ao mundo, entrelaçando culturas distintas, levando a fé de Cristo às paragens mais longínquas, retornam os nautas à pátria ditosa e amada:

JOGRAL “Assim foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E a sua pátria o Rei temido e amado
O prêmio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.” (LC)

CORO Que recompensas seriam outorgadas aos lusíadas? Se não a glória e a permanência na história! Porque, se materiais, seriam bem precárias e transitórias. Muitas vezes trágicas, pois nem da glória nem da honra foram beneficiários Bartolomeu Dias, Manuel de Sevilveda e o próprio Fernão de Magalhães, naufragados ou sacrificados na amara e inóspita selva.

CORO Por que não lhes dar — a tão esforçados e intemérratos navegadores — um prêmio mais sublime e mais terreno? Um presente digno de deuses. Não se esforçaram eles por tal? Um mito, sim, mas um prêmio de cor, sol, riso, alegria, amor, desejo e posse. Uma ilha paradisíaca perdida no oceano, presente de deuses para os não menos divinos. Um momento de lazer e de fruição que se antecipa à visão da amena enseada:

“Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos, várias cores
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas de lã fina e seda diferente,
Que mais incita a força dos amores.

De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

.....
De uma os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes, súbito mostradas.
Uma de indústria cai, e já relewa,
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

.....
Oh! Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo." (LC)

Os prazeres na dialética camoniana se transformam em honrarias, os amores e conquistas não são senão os prêmios que se outorgam aos valorosos feitos, prêmios que tornam a vida sublimada. Prêmios que se descor-tinam com a "fama grande e nome alto" e subido. Mas para que tudo isto se tornasse realidade, foi preciso vencer o mar. O mar lusíada e universal. Descubrir o reino de Netuno e torná-lo caminho das naus cristãs. Aventurar-se no tenebroso e transformá-lo em pacífico oceano. Destruir potestades e demônios. Vencer o obscurantismo e a ignorância. Não temer o seu fim, não temer o nada, vencer o invencível. Conquistar a distância. Realizar o ato e o destino. Para que o mar fosse nosso.

O Mar português.

"Ó mar salgado, quanto do seu sal,
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu.
Mas nele é que espelhou o céu." (FP) (36)

Mar português, mar lusíada, mar universal.

1.1.5 — *Homenagem às raízes*

Buscando-se uma relação entre o trabalho literário realizado e a vida que o explica, sou tentada a considerar que Carlos Neves d'Alge, em Portugal, nasceu para a vida: espontaneamente INTEIRO, com raízes profundas fixadas na história do seu povo, na sua cultura, e no Brasil nasceu para viver, crescer e fazer-se GRANDE, consciente do privilégio de possuir duas Pátrias, enriquecer e ser enriquecido por elas.

Singular é a forma como o escritor consegue somar culturas, captar realidades diversas, vivenciar com clarividência os mais desconhecidos sentimentos... não se vislumbrando nunca a sombra de qualquer desequilíbrio analítico fruto de uma possível divisão emocional. Trata-se, certamente, de uma exemplar exceção, se considerarmos os filhos de portugueses, brasileiros de nascimento ou não que, até há bem pouco tempo, eram os grandes inimigos da terra de seus avós — quer pela ignorância da sua história, quer pelo estigma e preconceito ante a condição de emigrante de seus pais.

Pois a todos os portugueses — especialmente àqueles que "começaram a amar Portugal depois que o deixaram" —, bem como aos brasileiros — que sempre encontrarão, se o desejarem, suas raízes lusitanas —, dedicou Carlos d'Alge, carinhosamente, em 1970,

TERRA DO MAR GRANDE.

Escrito com a marca de suas origens —

(...) trago num búzio o canto do mar bravo (...) (37), primando pela singeleza de estilo — claro, objetivo e atraente — Carlos, como Garrett, toma o bordão de romeiro e peregrina por esse Portugal afora, em busca de histórias para te contar.

(36) d'ALGE, Carlos Neves. *Revista de Letras U.F.C.* pg. 71-79.

(37) FONSECA, Branquinho da. In: *Terra do Mar Grande*, pg. 158.

Usos e costumes, tradições e lendas, danças e cantares, festas e romarias (estas mais pagãs que religiosas), vão ganhando vida, tornam-se presentes.

O pesquisador redescobre velhos segredos da arte culinária; escuta loas e o fado; admira vetustas oliveiras e sobreiros; o branco casario alentejano. Observa, enternecido, as silhuetas dos moinhos de vento ou medita frente às Alminhas que bordam as estradas... mas pára

— frente ao Mar: o como o
(...) mar fechado, aberto e descoberto
com bússolas e gritos de gajeiro!...
..... coberto
De lágrimas, iodo e nevoeiro! (38)

se revela, na sua imensidão, o grande desafio para a realização de um povo que tem tanto de forte e corajoso, quanto de nostálgico e místico! — “Quem quer aprender a rezar entre no mar”.

Com o mesmo fidalgo requinte de quem sabe como saborear um cálice de vinho do Porto — cujo sabor fez os ingleses, esquecerem seu gosto pelo chá —, d’Alge sabe como escutar o drama de Pedro e Inês de Castro, na Quinta das Lágrimas, ou uma serenata, no Pátio da Sé Velha, onde

As capas negras desses estudantes,
Capas escuras como poços fundos,
Fizeram-no sonhar ideais distantes,
Outros céus, outros astros, novos rumos... (...) (39)

Com a mesma sensibilidade com que vive o fato coimbrão, bate à porta da “Casa do Gaiato”, e pergunta por Pai Américo; observa a arte do azulejo ou a pintura portuguesa que “eleva pela primeira vez no Ocidente esse canto de solidão humana (...)” (40); contempla as “doces e claras águas do Mondego”; os moliceiros do Vougo; os rabelos na faina do Douro — ou mesmo admira o vaivém das pessoas e gaiotas no cais do Tejo, à tardinha...

O historiador folheia antigos alfarrábios, mas o artista pára — frente à pedra lavrada: autógrafo do tempo e da história, escrito por martelos e cinzéis de humildes homens do povo com almas de artista e... o Castelo de Guimarães, a Sé de Braga, o

(38) TORGA, Miguel. In: *Terra do Mar Grande*. pg. 153.

(39) GIL, Augusto. In: *Terra do Mar Grande*. pg. 120.

(40) HUYGHE, René. In: *Terra do Mar Grande*. pg. 53.

Convento de Cristo em Tomar, os Mosteiros de Alcobaça, Batalha e Jerônimos, o Convento de Mafra, a Igreja de Santa Cruz em Coimbra, a Torre dos Clérigos, o Palácio de Queluz, túmulos e tantos, tantos outros monumentos — que todos têm uma história para contar —, desfilam ante nossos olhos maravilhados sob a firme e esclarecida pena do romeiro escritor.

Rapidamente desfolhadas, as páginas de TERRA DO MAR GRANDE vão caracterizando a vida árdua, em regiões agrestes, de um povo de pastores, ceifeiros, pescadores, lavradores e artesãos de face curtida pelo sol e pelo frio; de têmpera rija, espírito audaz; altivos desbravadores de terras e mares.

Mas também de fidalgos, príncipes, reis e rainhas atentos à evolução, do mundo das artes e da ciência; de homens de espírito — jornalistas/escritores e poetas — sempre em busca da liberdade de pensamento. E assim nos encontramos

— frente à Universidade de Coimbra — os antigos Estudos Gerais do rei “Lavrador”, D. Diniz — templo de tradição cultural, vida de estudo, com sua Biblioteca Geral, Sala dos Capelos, Capela de S. Miguel, Torre da Cabra, suas praxes e capaz negras... e por onde passaram

. Antônio Nobre — o poeta do Penedo da Saudade; o poeta mais melancólico e solitário do final do século XIX; mas também o poeta da Torre de Anto, onde escreveu os mais puros versos do “Só”.

Nele a saudade, esse meio de transcendência, “fazia-se latente, como a servir de refúgio à sua angústia metafísica”. (41)

Saudade, saudade! palavra tão triste,

— E ouvi-la faz bem:

Meu caro Garrett, tu bem na sentiste,

Melhor que ninguém! (42)

. e tantos brilhantes homens públicos portugueses e estrangeiros que nela estudaram e pesquisaram — Carlos d’Alge, por exemplo.

Entretanto não passaram por Coimbra e sua Universidade outras Figuras Literárias citadas em TERRA DO MAR GRANDE. O crítico literário analisa particularmente

. Gil Vicente — em cujos Autos “encontramos as mais perfeitas fórmulas do teatro primitivo peninsular”, que se “constituem em apreciável subsídio para a história e a sociologia do século XVI”, e “revelam tipos e caracteres humanos dramaticamente válidos”. (43)

(41) d’ALGE, Carlos Neves. *Terra do Mar Grande*. pg. 261.

(42) Idem, pg. 262.

(43) d’ALGE, Carlos Neves. *Terra do Mar Grande*. pg. 234.

Em sua criação sente-se perpassar um sopro universal: o conflito entre o idealismo religioso e o realismo terreno, entre o sublime e o ridículo". (44)

No "Auto da Lusitânia", diz-nos Gil Vicente

Que Ninguém busca consciência
e Todo Mundo dinheiro.
Que busca a honra Todo o Mundo
e Ninguém busca a virtude.
Que Todo Mundo é mentiroso
e Ninguém diz a verdade. (45)

Bocage — "sempre independente e altivo, verberando contra os acomodados e subservientes" (46); "desprezado pelos fidalgos por causa das intrigas de seus poetas, pelo clero que via nele o ateu, pelo burguês que o tinha como insolúvel" (47), acaba denunciado ao Santo Offício e incriminado.

Precursor do romantismo em Portugal, na cadeia escreve alguns dos mais belos sonetos sobre a

Liberdade querida, e suspirada
Que o Despotismo acérrimo condena,
.....
Vem, solta-me o grilhão da adversidade;
Dos Céus, descende, pois dos Céus és filha,
Mãe dos prazeres, doce Liberdade. (48)

Em Setúbal nasceu e ali lhe erigiram um monumento — homenagem a seu espírito crítico e irônico, cuja "fama ultrapassou a sua memória" —

(...) Que a vida para os tristes é desgraça
A morte para os tristes é ventura. (49)

Ferreira de Castro — insigne defensor dos Direitos do Homem e o contacto dos intelectuais com o povo (Porto, julgamento

(44) Idem, pg. 235.

(45) Idem, pg. 239

(46) Idem, pg. 252

(47) Idem, pg. 253

(48) Idem, pg. 253

(49) Idem, pg. 255

político, 1957); criador de “uma obra literária tão divulgada no Brasil e que dignifica e enobrece qualquer literatura”, tem suas obras traduzidas em inúmeras línguas graças, possivelmente, a “uma visão integral, nobre e verdadeira, do mundo dos homens” — na qual “às vezes assume tons proféticos”. (50)

Sua experiência no norte brasileiro, que originou a criação de “A Selva”, permitiu-lhe descrever o cearense como “um homem bravo, corajoso e forte” e afirmar que “em verdade os portugueses criaram a palavra mais bela do mundo que é a Saudade, mas quem fez as canções da saudade foram os brasileiros.” (51) Assim o ditou em um de seus encontros com Carlos d’Alge, quando se referiu aos companheiros cearenses e à “Casinha Pequenininha” por eles cantada à margem do rio Madeira.

Portugal, entretanto, não vive apenas de seu glorioso passado, anota o ensaísta. Moderniza-se, cuida de seu porvir. E hoje uma nova explosão de vitalidade está em curso “na terra onde moram as minhas saudades”. (52)

Apesar de simples e rapidamente, tentei captar, em TERRA DO MAR GRANDE, uma visão de mundo inspirada na Pátria de origem do seu Autor. Se se tornou GRANDE na Pátria adoptiva, como e porquê, surge pesquisar. Acompanhe-mo-lo.

Em 1980, Carlos d’Alge ingressa na Academia Cearense de Letras por mérito próprio. O seu discurso de posse — “Uma Figura Singular da Cultura Cearense” —, homenageia os portugueses e os acadêmicos brasileiros “que representam a própria história contemporânea deste Estação” já que “ambos possuem traços comuns que completam as suas individualidades” — permite-nos encontrar ora o menino que um dia saiu duma aldeia transmontana e permanece fiel às suas origens históricas, ora o intelectual que lucidamente analisa os erros e acertos da colonização portuguesa em terras de Santa Cruz.

Ouçamo-lo:

Para representar os primeiros, escolhi a figura do meu avô, pois ela exemplifica com a claridade das coisas simples e humanas, o destino de centenas de milhares de portugueses que ajudaram a formar e a construir

(50) d’ALGE, Carlos Neves. *Terra do Mar Grande*. pg. 274.

(51) Idem, pg. 273.

(52) Idem, pg. 215.

uma nação que tenta afirmar-se, com independência e soberania neste contraditório e caótico final de século, abrindo uma estrada plana que aponta para a única direção viável, que é o caminho da democracia social, e que deve evitar a todo o custo os fortuitos desvios que podem conduzir-nos à trágica e irremediável violência dos autoritarismos.

Mais adiante historia:

(...) Os portugueses integraram-se neste país e, como o seu arquétipo universal, percorreram os mais longínquos e pressagos rotatórios, na tentativa de desvendar o desconhecido, garantindo-nos, desta maneira, a unidade territorial e lingüística. Se cometeram erros, e esses foram muitos, se aviltaram o gentio, se desviaram para a metrópole o ouro das Minas que, diga-se a verdade, só veio beneficiar a alta burguesia e a aristocracia, eles já se recuperaram perante a história. Despidos de preconceitos raciais, políticos ou de classe social, eles acabaram por se incorporar ao povo brasileiro, constituindo uma só família, na qual muitas das tradições culturais que nos legaram permanecem bem vivas nos diferentes estratos sociais, na vida diária, no campo e na cidade, no lazer e no trabalho. (53)

Terminando, pressagia:

(...) Neste final de século, quando a civilização industrial for tragada pela civilização da informática e estivermos todos submetidos ao domínio dos computadores, dos símbolos e da manipulação das informações simultâneas, tentando sobreviver, nós, os países pobres cada vez mais pobres entre os países ricos cada vez mais ricos, só nos restará esconjurar o fantasma do apocalipse e proclamar a verdade do amor. E a Justiça? A Justiça é a equidade. Mas a justiça dos homens tem quase sempre se transformado em tirania, em punição, em sanção, em castigo. Não esperemos por essa justiça; cuidemos do amor. Pode ser que essa palavra, como afirmou Eugène Ionesco, tenha-se tornado até ridícula. Mas é a única palavra que nos poderá salvar. Enfim, queridos amigos, é a única palavra que ainda pode significar alguma coisa. (54).

(53) d'ALGUE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 226.

(54) d'ALGUE, Carlos Neves. *O Exílio Imaginário*, pg. 239.

C O N C L U S Ã O

Tentei descortinar, ao longo do meu trabalho, a sensibilidade de um homem de letras frente à vida e às suas peculiares circunstâncias.

Deparei-me com um trabalhador incansável; um cuidadoso se-meador da Cultura Portuguesa; um idealista, cuja vida exemplar é reconhecida socialmente; um estudioso da literatura que, ao mesmo tempo, lhe é refúgio e exílio — “o que não deixa de ser uma confissão de que a vida não basta”...

Apontando-o aos meus possíveis leitores, assim o poderia apresentar:

. eis, em leves traços desenhada, a figura e uma pequena parte da obra de

Carlos Neves d'ALGE,
cuja tese de concurso para Professor Titular de Literatura Portuguesa da U.F.C., “Linguagem e Ideologia do Movimento Futurista em Portugal (1915-17)”, ainda não foi publicada;

. eis o brasileiro que, português de nascimento, recorda a infância, já tão distante no tempo e no espaço, e dela ainda recebe incentivos para escrever “Aqua e Flaviae”:

Debruçado sobre as grades
da velha ponte romana
sigo o curso do Tâmega,
o rio da minha aldeia.

Nas margens um ou outro barco
à espera dum solitário pescador,
as mesmas árvores da minha infância
derramando sua sombra
sobre o silêncio e a água que passa.

.....
Quantos passos desperta esta ponte? (55)

. eis, finalmente, um Brasileiro com sangue e alma de Português.

B I B L I O G R A F I A

1. d'ALGE, Carlos Neves. Mar Lusitana, Mar Universal. *Revista de Letras U.F.C.* Fortaleza, 9/10: 71-79, jul/jun, 1985/1986.

(55) d'ALGE, Carlos Neves. *Sintaxe do Compromisso*, pg. 94.

6. ————. *O Exílio Imaginário: ensaios de literatura de língua portuguesa*. Fortaleza, Edições UFC/PROED, 1983.
7. ————. *Terra do Mar Grande; alguns aspectos culturais portugueses*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1970.
8. ————. *Sintaxe do Compromisso*, Fortaleza, 1980.
9. ————. Uma Interpretação de Duas Odes de Alvaro de Campos, *Revista de Letras U.F.C.* Fortaleza, 9/10: 61-69, jul/jun, 1985/86.
10. COUTINHO, Afrânio. A Expressão — Literatura Brasileira, *Diário de Pernambuco*. Recife, 7 mar, 1987, 1.º c.
11. FREITAS, Nina. Carlos d'Alge. *D.N. Cultura*, Fortaleza, 4 set., 1983.
12. Um homem: Carlos d'Alge. *O Povo*, Fortaleza, 6 dez. 1980.
13. VIDAL, Márcia. O embaixador da cultura portuguesa no Ceará. *O Povo*. Fortaleza, 6 maio, 1982.
14. WANDA et alii. Um poeta que não resgata a infância não é poeta. *O Estado*. Fortaleza, 27 nov. 1983.